

 **FALECEU MANÉ GARRINCHA**

O FABRICANTE DE JOÃOS

Gonçalo Ferreira da Silva



Choram hoje criaturas
Dos mais diferentes níveis,
O homem das pernas tortas
E dos dribles impossíveis,
Mané Garrincha foi para
O mundo dos invisíveis.

Ágil, arisco, audaz,
Impetuoso e afoito
Somente ao amor fraterno
Dava carinhoso coito
E trouxe a primeira copa
Pra nós em cinquenta e oito.

No entanto se Garrincha
Não desejava morrer
A verdade é que não tinha
Nenhum prazer em viver
Buscando, através do vício,
Amenizar seu sofrer.

Vinte de janeiro, dia
Do mártir Sebastião
O mundo esportivo soube
Com muita e justa emoção
Que Garrincha se mudou
Pra eterna habitação.

Alguém dizia de chofre
Como quem nada entendeu,
Sem medir a importância
Do caso que aconteceu,
Com ar de incredulidade:
— Mané Garrincha morreu.

O analista vencido
Indaga meditabundo:
— De que parte do Universo
É este craque oriundo?
Pois faz coisas com a bola
Jamais vistas neste mundo.

O homem que apresentou
Estilo tão singular
Que outro atleta no mundo
Jamais o soube imitar
Era a genialidade
De um jogador sem par.

E duas copas das quais
Guardamos emoções vivas
Foram frutos, sobretudo,
Das jogadas criativas
Daquelas pernas de ouro
Tortas, porém decisivas.

Seria infantilidade
Procurar no mundo inteiro
Jogador que se compare
Ao fenomenal ponteiro
O imorredouro orgulho
Do futebol brasileiro.

Agora o grande ponteiro
Desmaterializado
Continua para o mundo
Seu nome imortalizado
Assim, carinhosamente,
Eternamente lembrado.

Aplicava aos marcadores
Todo tipo de artifício
Tinha o vício de ser bom,
Foi traído pelo vício
Que sempre quis atirá-lo
No mais cruel precipício.

Foi escravo voluntário
De uma bondade pura
E dirigia às crianças
Um sorriso de ternura
Mostrando o interior
Grandeza da criatura...

Aliás tudo em Garrincha
Teve um toque curioso
O povo esqueceu ligeiro
O seu tempo glorioso
Porém foi, em sua morte,
Puro, doce e carinhoso.

Aquí no Brasil jogou
Nos times mais importantes
Apresentando jogadas
Incríveis, mirabolantes
Humilhando os beques com
Dribles desmoralizantes.

A vinte e oito de outubro
De trinta e três, com certeza
Nasceu Garrincha em Pau Grande
Tendo a mamãe natureza
Dotado seu filho amado
De estupenda destreza.

Tudo que Garrincha foi
Sem precisar de escola
Tampouco de professor —
Convencional bitola —
Foi, inimitavelmente,
No trato mágico da bola.

Sabemos que a morte existe
Desde que o norte é norte,
Mata o governo, o servente,
Mata o fraco, mata o forte,
Ninguém escapa à
Implacabilidade da morte.

Garrincha nunca imitou
Jamais gostou de bitola
E seria um grande homem
Sem precisar de escola
Se fosse tão bom da bola
Quanto jogador de bola.

Porém a nossa presença
No mundo de provação
Por si já é uma prova
Da humana imperfeição
Senão ninguém aceitava
Tão cruel escravidão.

No ano de trinta e três
Nosso Garrincha nasceu
Na pobreza e no seio
Dessa pobreza cresceu
Agora em oitenta e três
Pobre e honrado morreu.

Durante sua carreira
Alcançou tanta vitória
Que as escassas derrotas
Nem ficaram na memória
Pra não ofuscar o brilho
De tão retumbante glória.

Os jornalistas batiam
No próprio ombro exclamando
Cheios de incredulidade:
— Meu Deus, estarei sonhando?
Porque não acreditavam
No que estavam observando.

A morte — o esgotamento
Dos nossos órgãos vitais —
É a morte que ocorre
Em conseqüências normais
Mas a de Garrincha foi
Precipitada demais.

Tenha a morte como causa
A energia exaurida
A morte por acidente,
A morte do suicida
São mortes, porque a morte
É o ponto final da vida.

Ouvimos a sua própria
Última família dizer
Que Garrincha teria dito
Dias antes de morrer
Que aguardaria a morte
Sem mais parar de beber.

Gestos e aplausos de
Torcedores explosivos;
Nunca os grandes jogadores
De futebol, mortos, vivos
Receberam tão humanos
E justos adjetivos.

Como "O Demônio da Copa"
Foi cognominado
Em cinquenta e oito quando
Nosso selecionado
Trouxe pela vez primeira
O caneco cobiçado.

Tinha ele à natureza
Um amor puro e profundo
Garrincha — alegria do povo
Garrincha — encanto do mundo
Garrincha — deus dos estádios
"Doutro Planeta oriundo?"

Esse povo carinhoso
Que com seus dribles vibrou
Que também sentiu saudade
Quando ele os campos deixou
É o mesmo que na hora
De sua morte chorou.

Quanto mais o tempo passa
Mais o seu nome se expande
E será daqui pra frente
Sem ser preciso que eu mande
Reconhecido por todos:
São Garrincha do Pau Grande.

FTM

Cana, Augusto bebia
Porém nunca entrou em cana
Bebia prudentemente
Somente em fins de semana
Sem comprometer em nada
a vida cotidiana.

É que às vezes em palestra
Antes de adormecer
Nos carinhos que precedem
O que o par pensa em fazer
Escapolem certas coisas
Até sem se perceber.

Pode ficar à vontade
Gosto dos homens cortezes;
As vezes nesta fazenda
Não falta nada e às vezes
Falta de tudo, até mesmo
A pastagem para as reses.

Do poema FELISBERTO E CARMELITA
CONTRA O ÓDIO E A VINGANÇA

DESTE AUTOR

Porém nunca entrou em capa
Mostrando a interior
“Doutro Planeta oriundo?”